

Editorial



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacores.pt

O pior da política

Esta semana assistimos a episódios que são o pior do que há na política e nos políticos.

O caso das verbas do Plano de Recuperação e Resiliência destinadas aos Açores revelam uma mesquinhez vingativa por parte do Governo da República que é inqualificável.

Está já provado, através de documentação facultada por Vasco Cordeiro, que publicamos ontem neste jornal, que o Governo da República se tinha comprometido com o anterior Governo Regional a transferência para os Açores de 649 milhões de euros, correspondendo a 5% do pacote indicativo de Portugal a preços constantes de 2018.

Como a execução do programa ocorre nos próximos cinco anos, o valor é actualizado conforme o momento da elaboração dos programas comunitários, pelo que se chega aos tão falados 720 milhões de euros, nas contas do líder do PS.

O que é que o Governo da República fez?

Depois do compromisso assumido, sem mais nenhuma explicação, publica os valores da proposta preliminar do PRR e para os Açores estão destinados... 580 milhões de euros!

É uma diferença de 140 milhões de euros que se esfumaram num ápice.

E qual é a explicação?

Vasco Cordeiro revela que o seu governo escreveu uma carta a perguntar, mas 40 dias depois ainda espera pela resposta.

Esta semana o deputado Paulo Moniz fez a mesma pergunta ao Ministro do Planeamento, numa audição na Assembleia da República.

Nelson de Souza, à semelhança dos seus colegas ministros trapalhões, meteu os pés pelas mãos, mostrou-se incomodado e não soube explicar, mentindo que os 580 milhões foram sempre a verba acordada.

Este são os factos.

O episódio é revelador do pior que temos na política à portuguesa.

O PS dos Açores e o seu líder estiveram bem ao denunciar a tramóia dos seus colegas da República, mas estiveram mal ao não explicar o processo todo quanto interrogaram o Governo Regional sobre a falta dos 140 milhões, sabendo informações que o comum dos mortais desconhecia.

O PS dos Açores devia denunciar publicamente todo este triste episódio quando ainda era governo e não agora.

É devia ser o primeiro a apresentar um voto de protesto no parlamento açoriano contra a atitude vergonhosa do Governo de António Costa, que já vem sendo costumeiro a anunciar milhões para os Açores e, depois, faltar aos compromissos assumidos.

Tudo isto não augura nada de bom para o que vem aí, sobretudo com o futuro envelope financeiro do novo quadro comunitário de apoio.

Professor açoriano na Universidade da Colúmbia estuda os média portugueses na diáspora

POR JOAQUIM EUSÉBIO, EM MONTREAL

O professor Luís Leonardo Marques Aguiar, natural da Lagoa, ilha de S. Miguel, é alguém que viveu a sua juventude em Montreal, mas que hoje em dia vive na região oeste do Canadá, onde leciona na Universidade da Colúmbia Britânica, campus de Kelowna.

É uma pessoa ligada à Sociologia e enquanto sociólogo tem-se interessado pelo papel desempenhado pelos meios de comunicação social das diferentes comunidades étnicas.

Por essa razão, convidámo-lo para uma entrevista para o LusoPresse e para o Diário dos Açores.

Sabemos que tem estado a promover um projeto de investigação sobre os media étnicos. Quando se comemoraram os 20 anos do LusoPresse, recorde-me de ter estado presente numa mesa-redonda organizada pelo nosso jornal e de aí o professor Luís Aguiar ter feito referência a esse projeto. Pode-nos descrevê-lo?

De facto o projeto surgiu na sequência dessa mesa-redonda a que se refere. Fiquei motivado pelas informações sobre os media das comunidades portuguesas aqui no Canadá transmitidas pelos outros participantes. Daí ocorreu-me a ideia de propor uma pesquisa sobre os desafios correntes enfrentados pelos meios de comunicação social portugueses de Montreal e sobre o seu futuro.

Eu e dois outros colegas, a professora Farrah Berube da Universidade do Quebec em Trois Rivières e o professor José Carlos Teixeira, pessoa bem conhecida da Comunidade Portuguesa de Montreal e que leciona na minha Universidade, propusemos o estudo a uma instituição federal para que pudéssemos ter um suporte financeiro para o desenvolver. Fomos bem sucedidos e obtivemos um subsídio de 25 mil dólares para esse projeto piloto sobre os media portugueses que poderá servir como exemplo ou como modelo para os desafios que estão a enfrentar. Entretanto surgiu a pandemia da Covid o que levou a suspender temporariamente o projeto. Estamos aguardando o evoluir da situação, para determinarmos o quando e o como da execução desse projeto. Temos aproveitado no entanto o tempo para investigarmos outros estudos já feitos sobre os media em geral, e que servirá de fundo ao estudo que faremos sobre o caso específico de Montreal.

O vosso projeto é perfeitamente inovador, não é verdade?

Sim é inovador e de grande atualidade. Embora haja muitas publicações sobre os media étnicos, abordando a sua função de integração. O nosso projeto está voltado para o presente e sobretudo para o futuro dos media e sobre os desafios que enfrentam. Repare que vivemos uma época de explosão de múltiplas formas de comunicação social, de problemas económicos ligados por exemplo à publicidade, à língua e à cultura de transmissão. É sobre esse ângulo que pretendemos fazer a abordagem. A sua qualidade foi avaliada pela instituição federal financiadora que o considerou de grande interesse e o selecionou e o colocou na 3ª posição entre 48 projetos concorrentes.

Está prevista uma visão sobre a evolução histórica desses media?

Na metodologia que usaremos estão previstas entrevistas com pessoas que participaram em Portugal antes e agora na evolução dos media portugueses. Não conheço o trabalho escrito sobre a evolução dos media portugueses em Montreal. Vamos recolher esses dados históricos através de entrevistas com pessoas que estiveram lá nos anos 70, nos anos 80. Isso vai-nos permitir conhecer essa rica história dos media portugueses.



O conhecimento desse passado permitirá compreender o presente e perspetivar o seu futuro.

LP/DA - Antevê grandes transformações com a evolução que temos vivido nas últimas décadas.

Estarão, por exemplo, os jornais em risco de desaparecer face à afirmação doutros meios de comunicação social?

Essa é uma das grandes questões a que o nosso projeto de investigação procurará dar resposta. Tenho a noção que os media portugueses de Montreal se têm adaptado às transformações. No entanto, como sociólogo, interessa-me saber igualmente o que se passa em relação aos utentes dessa informação, aos leitores, aos ouvintes, aos telespetadores. Repare, por exemplo, no facto de os jovens hoje terem muitas outras maneiras de obterem informação quer sobre Portugal quer sobre todos os outros assuntos. Daí que pretendamos estabelecer o contacto com grupos de jovens da Comunidade Portuguesa de Montreal para determinar a validade dos media portugueses em Montreal e o interesse que lhes dispensam. O interesse do estudo tem a ver com a adaptação às novas circunstâncias que existem e estão em permanente transformação.

O âmbito desta investigação limita-se à Comunidade Portuguesa de Montreal?

Sim, na medida em que se trata de um projeto piloto, mas procuraremos estabelecer comparações com o que se passa noutras comunidades étnicas da cidade e daí que pretendamos reunir igualmente com membros doutras comunidades, a exemplo, de resto, do que aconteceu nessa mesa-redonda do LusoPresse. Quero aproveitar esta oportunidade para alertar todas as pessoas que estiveram ou estão ligadas aos meios de comunicação social da Comunidade que nós iremos em breve contactá-los para que possam participar no projeto em questão.

Ficamos muito felizes que, passados quase 50 anos, essa mesa-redonda do LusoPresse sobre os media comunitários comece a dar frutos. Fale-nos resumidamente das suas ligações a Montreal.

Para lá dos laços familiares que me ligam a Montreal, foi aí igualmente que vivi a minha juventude e me tornei adulto o que faz com que ainda a considere a minha cidade, mesmo que já viva fora há mais anos do que aqueles que nela vivi.

Votos das maiores felicidades para este projeto que vai certamente enriquecer a nossa Comunidade e lançar luz sobre o passado, mas igualmente sobre o presente e o futuro dos seus órgãos de comunicação social que são um espelho onde se pode rever mas que são igualmente uma janela da Comunidade sobre o mundo.

Obrigado pela oportunidade.

Exclusivo LusoPresse/
Diário dos Açores